

LINHAS DE FUGA

por ALDO TAVARES



Arquivo da República

Um relatório apontou novos rumos para o fim de Juscelino

A morte de JK

A CADA 30 DIAS, SIRVO-ME DESTA COLUNA para, na última semana do mês, deixar uma reflexão despreziosa sobre a ideia que se movimenta entre os extremos, estando, portanto, no “meio”, na “fronteira”, no “limiar”, enfim, a ideia do “entre” signos opostos.

NO ÚLTIMO 9 DE MAIO, A IMPRENSA PUBLICOU uma versão da morte do ex-presidente Juscelino Kubistchek: o perito contratado pelo MPF contestou análises anteriores e rejeitou a hipótese de que o acidente tenha sido provocado por uma colisão entre o Chevrolet Opala de JK e um ônibus antes de o veículo se chocar contra uma carreta.

JK MORRE EM 22 DE AGOSTO DE 1973 por causa de um acidente na Rodovia Presidente Dutra, em Resende, Rio de Janeiro. Sabe-se que pessoas contra a ditadura eram mortas quando dirigiam seus veículos em estradas, ficando a imagem de um “típico acidente de trânsito”.

ESSE “TÍPICO ACIDENTE” OCORREU COM ZUZU ANGEL em 14 de abril de 1976, quando seu veículo foi empurrado contra a proteção de um viaduto na saída do hoje Túnel Zuzu Angel, caindo de um barranco na Autoestrada Lagoa-Barra.

ASSASSINAR DE FORMA A PERMANECER

a imagem de que não houve assassino. Ora, sob a ditadura, podia-se muito bem seguir o inimigo, capturar, matá-lo num lugar ermo e deixar o corpo onde os tiros foram dados. Mas não. A ditadura executou Zuzu num teatro, ou seja, “o-que-é-não-é”.

DEFENDE-SE QUE JK MORREU no mesmo teatro, cuja peça chamou-se “Típico Acidente de Trânsito”, onde o corpo do protagonista, assassinado, é deixado “entre” signos contrários: “o-que-é-e-o-que-não-é”, em outros termos, “foram-militares-e-não-foram-militares”. O “entre” é esse espaço de exceção em que a identidade do assassino de JK está suspensa há quase 50 anos.

MATA-SE SEM SABER QUEM FOI; mas, sem ser verdade, divulga-se quem foi. O filme “O Agente Secreto” projeta imagens de uma Recife que mata e, o que é pior, quem mata é sempre o outro, um anônimo, divulgado por uma imprensa que acredita saber quem é. Não sabe. A verdade, porém, é o que está propagado pelo jornal, pela TV e pela rádio sobre a morte do professor Armando.

QUANDO DIGO QUE JK FOI JOGADO ao teatro, afirmo que a ditadura cívico-militar se manteve no poder por meio do simulacro, diga-se, a identidade é apenas simulado, isto é, aquilo que “não-é” passa a “ser”. Em Simulacros e simulação (p. 7), Baudrillard escreve: “o simulacro nunca é o que oculta a verdade — é a verdade que oculta que não existe. O simulacro é verdadeiro”.

Ora, a simulação é a potência do “entre” - paradoxo.

O filme ‘O Agente Secreto’ projeta imagens de uma Recife que mata e, o que é pior, quem mata é sempre o outro, um anônimo

Crônicas sobre alcoolismo e reconstrução

‘Garrafas ao Mar’, de João Paulo Arruda, é o diário manuscrito de um repórter em luta contra a dependência

AFFONSO NUNES

Quando a rotina de um jornalista é interrompida pelo tremor das mãos e pelo vômito seco todas as manhãs, algo precisa mudar. Para João Paulo Arruda, essa mudança veio tarde demais para evitar a queda, mas a tempo de permitir a reconstrução. Seu livro, “Garrafas ao mar – Diário de um repórter internado para tratamento de alcoolismo” (Ed. Máquina de Livros), que será lançado nesta quinta-feira (28), a partir das 19h, na Livraria Travessa Ipanema, é o relato visceral de 110 dias internado em uma clínica carioca, escrito inteiramente à mão, em tempo real, enquanto os fatos se desenrolavam.

Discussões sobre saúde mental e dependência química ganham espaço na sociedade e “Garrafas ao mar” é o registro de alguém que precisou perder completamente o chão para reaprender a caminhar — e que preservou, mesmo no fundo do abismo, o olhar aguçado de quem passou décadas observando histórias alheias.

Arruda trabalhou em importantes redações cariocas ao longo de sua carreira. Aos 48 anos, no início de 2024, finalmente admitiu que precisava de ajuda. Andava cambaleante, sofria crises de sonambulismo e tinha apagões em casa ou na rua. Internava-se, mas enxergava o tratamento apenas como uma etapa a ser cumprida, não como uma necessidade real. Recaiu. Seu desempenho profissional piorou. Depois de mais de duas décadas no mesmo jornal, foi demitido.

“Mergulhei na depressão e na autopiedade. Fiquei um mês deitado na rede da sacada, bebendo desesperadamente. A essa altura, eu já era conhecido como o bêbado do bairro”, relembra. Foi um amigo e sua namorada quem o levaram, pela segunda vez, a uma clínica — mas



Divulgação

João Paulo Arruda se expõe, sem autopiedade, em relato sobre sua dependência e o dia-a-dia do tratamento de reabilitação em ‘Garrafas ao Mar’



Divulgação

desta vez com uma diferença crucial: ele finalmente reconhecia estar doente e que a morte era iminente. Começava ali uma jornada transformadora.

Durante os 110 dias de internação, Arruda não tinha acesso a computador — uma das regras da clínica. Então escreveu tudo à mão. Preservou seu olhar de repórter mesmo na condição de paciente. Nas páginas de “Garrafas ao mar”,

descreve em detalhes sua rotina diária, narra histórias suas e de outros internos — alguns dependentes de álcool e drogas, outros que buscavam se libertar do vício em sexo e em jogos, um contingente que vem se multiplicando nos últimos anos. Não há autocompaixão nas crônicas. Há clareza. “Não escrevi os textos imaginando que publicaria um livro. Foi como se eu estivesse jogando garrafas ao mar, uma forma de reconexão comigo mesmo”, compara.

O segundo livro de Arruda — ele é também autor de uma obra anterior sobre conflitos — chega em um contexto em que muitas famílias enfrentam situações semelhantes. Pode servir como espelho para quem está no meio da tempestade ou para quem observa alguém querendo se afogando. Não oferece soluções fáceis. Oferece honestidade.

Desde setembro de 2025, Arruda está “limpo” e retomou sua carreira de jornalista. Continua sendo alcoólatra — como ele mesmo afirma com clareza: “Tenho consciência de que serei alcoólatra para o resto da vida. A doença é tão terrível que, mesmo estando bem, às vezes confundo paz com pasma-ceira”. Mas agora escreve sobre essa condição de um lugar diferente: o da recuperação, não o do desespero.